

## Benjamim Costallat: jornalismo e literatura na escrita do submundo<sup>1</sup>

Célia Polese<sup>2</sup>

Benjamim Costallat é um autor que fez muito sucesso no início do século 20. Seus livros estavam sempre entre os mais vendidos e ter reportagens assinadas por ele era garantia de aumento nas vendas dos jornais. Hoje ele está esquecido, principalmente entre os pesquisadores da comunicação. Mas Costallat representa um marco importante do que hoje se chama jornalismo sensacionalista. Sua escrita aproxima o jornalismo da literatura, mostrando à população a vida dos menos favorecidos, dos malandros, jogadores e também dos trabalhadores. O que se procura demonstrar neste artigo é que Costallat foi um jornalista que soube utilizar recursos da literatura para enriquecer suas reportagens.

Palavras-chave: Benjamin Costallat; jornalismo; literatura;

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Jornalismo

<sup>2</sup> Jornalista, Especialista em Comunicação Comunitária e Popular pela Universidade Estadual de Londrina, repórter da Folha de Londrina, professora da Faculdade Maringá (PR), mestranda em Comunicação Midiática da Unesp campus Bauru. E-mail:cpolese@gmail.com

*O pano de fundo, a bem-urdida teia, que inspira e impulsiona tanto o jornalismo, quanto a crônica e o romance é a crua e nua realidade, com todas as cores e dores que lhe são peculiares. Essa inspiração tem sentido: nada, nem a mais desvairada ficção, é mais fascinante, mais rica e mais pródiga de sentidos, sentimentos, significados, revelações e paixões que a vida real. (Rogério Menezes, 2002, p. 163)*

Benjamim Costallat (1897-1961) hoje está esquecido, mas foi um dos autores mais lidos no Brasil nas décadas de 1920 e 1930. Atuou na imprensa carioca e foi um dos grandes editores do início do século. Seu romance *Mademoiselle Cinema*, considerado pornográfico e escandaloso, acabou recolhido após serem vendidos 60 mil exemplares. Atento e sagaz observador da vida urbana, afeito à polêmica e à controvérsia, tornou-se notável pela refinada ironia com que retratava a sociedade carioca. A editora de Benjamin Costallat e José Miccolis foi uma das mais importantes no início do século 20 e publicava uma literatura específica considerada por muitos pornográfica e imoral.

A pesquisadora Alessandra El Far, em seu livro “*Páginas de Sensação*”, diz que podemos desprezar a subliteratura como subliteratura, mas não como documento de uma época, semelhante às popularíssimas telenovelas dos nossos dias. Portanto, Costallat pode não ser um dos grandes autores da literatura brasileira, mas sem dúvida merece ser estudado, pois retratou o dia-a-dia de uma parte da população do Rio de Janeiro que dificilmente aparecia nos jornais, a não ser nas páginas policiais.

Além disso, Costallat marcou seu tempo ao publicar obras de autores considerados marginais. Marcus Rogério Tavares Sampaio Salgado, em artigo no site da Revista *Agulha* conta que:

quem abrisse ao acaso as páginas de uma das novelas de escândalo que o editor-escritor Benjamin Costallat publicava por sua editora, corria o risco de se deparar com o seguinte anúncio do lançamento de um livro de crônicas mundanas:

São estudos da agiotagem, da cocaína, do lenocínio, da feitiçaria, da vida contemporânea de uma grande cidade. O jogo, a politicagem e a pirataria, nos seus aspectos mais emocionantes.

É importante lembrar que a década de 20 testemunhou um fluxo violento de mudanças sociais e tecnológicas que tiveram reflexos na própria linguagem da época. Costallat é considerado um autor que tinha a capacidade de acompanhar essas mudanças, incorporando inovações à forma de narrar suas histórias. Andréa Portolomeos (2005) acredita que isso se dê pelo fato do jornalista ter vivido muitos anos na Europa, especialmente na França, tendo por isso sofrido a influência do movimento Futurista.

Costallat é considerado por muitos um cronista, mas analisando sua obra *Mistérios do Rio*, originalmente publicada nas páginas do *Jornal do Brasil*, podemos perceber a vertente jornalística do autor.

Este artigo tem como objetivo demonstrar que em *Mistérios* o jornalismo está presente, mesmo que o autor utilize ferramentas da literatura para trabalhar o texto de forma a torná-lo mais atraente para o leitor.

De acordo com Portolomeos (2005), a série de reportagens *Mistérios do Rio* foi escrita a partir de um vantajoso contrato do autor com o *Jornal Brasil*. “A série fez tanto sucesso na época que era anunciada diariamente na primeira página do jornal e conseguiu dobrar o preço da folha.” (2005, p. 81). O trabalho foi encomendado tendo como referência obras publicadas em jornais europeus e americanos como os *Mistérios de Paris*, de Nova Iorque onde se retratava o submundo dessas cidades. Costallat faz o mesmo com temas do submundo carioca.

Na matéria de apresentação da série *Mistérios do Rio* no *Jornal do Brasil*, que no mesmo ano foi reproduzida em livro, o autor em entrevista a um jornalista diz que algumas pessoas irão se decepcionar, pois o que ele faz não é folhetim, com histórias intermináveis e “mentirosas”. O autor ressalta que trabalha essencialmente com a “verdade”:

Hoje o que o escritor procura dar, e que o próprio público leitor exige, é a **verdade**. A verdade nos ambientes, a verdade na ação e a verdade nos personagens.

- Então os “*Mistérios do Rio*” são verdadeiros .....

- Absolutamente verdadeiros. Apenas olhei e narrei. A composição literária às vezes exige uma certa fantasia. Mas eu peço ao público que acredite que todos, absolutamente todos os ambientes por mim descritos são verdadeiros, e as personagens que passam pelos “*Mistérios*” foram observadas de perto. Não houve exagero, nem imaginação de minha parte. E daí ter sido a minha tarefa dobrada – fazer um trabalho sugestivo e interessante dentro da verdade

guardando uma grande medida na composição.....(Benjamim Costallat 1924, p.12)

Mistérios do Rio é composto por 14 textos sobre o submundo do Rio de Janeiro e seus personagens, desde moradores de favelas, operárias que enfrentam dificuldades para sobreviver e os envolvidos em situações consideradas contravenções ou crimes. O objetivo do jornalista é apresentar pessoas e situações que as classes mais abastadas desconheceriam. A começar pelos títulos, o jornalista já instiga a curiosidade do leitor e se utiliza de estratégias discursivas que visam a “prender o leitor” e o convidando a entrar em um mundo desconhecido, perigoso e interessante: “A pequena operária”; “A criatura do ventre nu”; “Uma história de manicure”; “Casas de Amor”; “Os fumantes da morte”; “A favela que eu vi”; “Quando os cabarés se abrem....”; “O jogo do ‘bull-dog’”; “No bairro da cocaína”; “O túnel do pavor”; “O segredo do sanatório”; “Na noite do subúrbio”; “O mistério do bacará” compõem o cenário que fez sucesso entre os leitores do Jornal do Brasil daquela época.

Ao analisarmos a obra de Costallat percebemos que o jornalista se utiliza de elementos da literatura para realçar as histórias que conta. A narração é presença marcante, além da reprodução de diálogos e descrição de ambientes que reforçam a sensação do leitor de que o jornalista esteve naqueles locais, dada a riqueza dos detalhes que fornece, inclusive com a descrição dos aspectos físicos dos personagens apresentados.

Encostada a uma coluna, à margem dos dançarinos, uma figura oriental, o ventre nu, pernas e bustos envolvidos em um veludo cor de rosa, tonalidade de morango, o olhava com languidez...  
O corpo de menina impúbere, de seus quatorze anos, de formas apenas desenhadas rígida de carne, o olhar experimentado, porém, de uma grande amorosa, de uma profissional do amor, a esquisita criatura parecia estar ali á espera de alguém. (1924, pp. 184-185)

O jornalismo e a literatura têm aproximações e pontos de intersecção que, quando bem aproveitados, podem tornar ambos mais prazerosos para o leitor. Claro que os objetivos de jornalismo e literatura são diferentes, mas ambos trabalham com a língua e podem tirar proveito do que há de melhor nos dois campos. Para o jornalista Bernardo Ajzenberg (2002) a busca do detalhe, da precisão, do inesperado, do novo são os pontos compartilhados por eles.

Para Carlos Magno Araújo, a narração é um “conjunto de informações e detalhes que costumam estar ao redor da notícia e que serve como aperitivo – nem por isso dispensável – ao leitor antes de introduzi-lo ao que interessa.” (2002, p.95) As matérias produzidas por Costallat em *Mistérios* trazem exatamente isso ao leitor. Neste trecho de “A pequena operária” o jornalista começa por dar várias informações que estão em volta da notícia, despertando o interesse sobre o que aconteceu com a moça.

-Levem esta mulher para a Santa Casa.... É uma questão de dias!...  
Na ambulância da policia, estendida na padiola de lona, Helena tinha compreendido a terrível significação daquele “é uma questão de dias”.  
Era mesmo uma questão de dias. E tudo estaria acabado!  
Na sua miséria física, Helena estava com o espírito perfeitamente lúcido. E tamanho era o seu desencanto pela vida, que não sofria a idéia e morrer com dezoito anos...(1924, p.19)

Segundo Gustavo Castro, quem se propõe a narrar (relatar histórias e fatos) precisa ter um conhecimento adequado da palavra, desenvolver um estilo próprio. “O estilo como método de pensamento e como gosto literário, a agilidade e a rapidez de raciocínio, a economia e o bom uso dos argumentos são importantes tanto na literatura quanto no jornalismo, felizmente.” (2002, p.78)

Costallat nos mostra sua habilidade no manejo da língua ao prender a atenção do leitor que quer saber o que se passa, quais os desdobramentos e o final da história como no caso da reportagem que abre os *Mistérios do Rio*, “A pequena operária”, em que se contam os infortúnios de uma jovem que morre de fome por não conseguir se sustentar com o rendimento de seu trabalho. O jornalista Costallat faz uma crítica da exploração da mão-de-obra das costureiras. Conta também as desventuras de amor porque passa a jovem ao se apaixonar, se entregar, engravidar e ser abandonada.

O texto na reportagem impressa (1993), de Oswaldo Coimbra, nos apresenta vários tipos de narrador. Um deles é o narrador testemunha, o fato é contado em primeira pessoa. O narrador personagem é um dos tipos que podemos observar na obra de Costallat, aquele que participa da ação e descreve aquilo que presencia. Nas reportagens *A favela que eu vi*, *Quando os cabarés se abrem....*, *O jogo do “bull-dog”*, *No bairro da cocaína*, *O túnel do pavor*, *O segredo dos sanatórios* e *Na noite do subúrbio* o jornalista-narrador conta em detalhes aquilo que presenciou. Em “O túnel do pavor” ele revela inclusive seus

sentimentos, o medo que sentiu e o arrependimento por ter se aventurado em local considerado extremamente perigoso:

Eu só pensava e só tornava a pensar no túnel do Rio Comprido, no túnel do pavor, que todos causava espanto e medo. Morrer, morrer naquela noite linda de verão e luar, seria uma profunda estupidez!  
Não me conformava. Mas o automóvel, em disparada, continuava o seu caminho para o desconhecido...  
Morrer? Mas que idéia lígubre. Era, porém, a idéia que a todos vinha.....  
E, depois, por quê?  
Atravessar o túnel do pavor àquela hora era reduzir em cinquenta por cento a nossa probabilidade de existência. (1924, p. 148)

Na reportagem “No Bairro da Cocaína” narra sua aventura de comprar drogas e depois mostra como os usuários formam uma irmandade que se protege. Usa linguagem dos viciados e traficantes para obter a droga:

- Mas o que deseja o senhor?..  
- Três!..  
E mostrei-lhe três dedos, conforme fazem os viciados para indicar o número de gramas de cocaína que deseja:  
-Três!  
- Três que?  
- Três “poeira”, “fubá mimoso”, três pequeninos frascos daqueles que você sabe!  
- Não tenho, não senhor....  
- Sei que você tem... Não faço questão de preço....  
- Quanto quer pagar?....  
- Até vil mi réis a grama!....  
- Sessenta mil réis os três frasquinhos?.....  
- Perfeitamente.  
- Então vou arranjar. Tenha a bondade de esperar um minuto.....  
Olhando desconfiado para o jardim deserto, o homem entrou no mictório e, pouco depois, saía com os três frasquinhos na mão.  
Paguei. O homem suspirou aliviado, vendo, definitivamente, que eu não era policia, e desapareceu..... (1924, p.133)

Outro ponto importante a se observar é a reprodução dos diálogos, recurso pouco utilizado no jornalismo de hoje, mas que proporciona ao leitor um sentimento maior de veracidade, além de enriquecer o texto.

De acordo com Coimbra, o narrador protagonista ocorre no jornalismo quando o texto é escrito como se fosse do entrevistado, cabendo ao jornalista a tarefa de ouvir transcrever e editar, e também quando o próprio repórter torna-se o centro do acontecimento que cobre, e, portanto, a melhor fonte de informação. (1993, p.46-47)

Na obra de Costallat, o narrador como o centro do acontecimento pode ser observado em diversas reportagens como, por exemplo, no trecho citado acima de “O túnel do pavor” e em outros como “O segredo dos sanatórios”, em que conta em primeira pessoa a dificuldade para entrar no local:

Perdi uma longa e preciosa semana tentando entrar num desses sanatórios. Em menos tempo Deus fez o mundo...

Afinal consegui.

Afinal violei o grande segredo dos sanatórios.

Lá entrei.

Lá estive.

E lá vi tudo que interessava ver...

Não direi o complicado processo que me fez penetrar naquele templo de mistérios. Não quero comprometer ninguém.

Direi apenas que, para conseguir entrar num dos nossos mais célebres sanatórios, situado em um dos bairros mais pitorescos da cidade, onde sabia que se passavam coisas interessantes, eu estava disposto a tudo – a picar-me de morfina, a intoxicar-me de cocaína, a cheirar éter até ser transportado para lá como simples viciado....

Não foram necessários esses extremos.

E, mesmo sem eles, o célebre sanatório, defendido pelo segredo profissional de mil cerberos: diretores, médicos, assistentes, enfermeiros, porteiros, não teve mais segredos para mim. (1924, pp. 163-164)

Outro modo de narrar é em terceira pessoa, em que o narrador se limita a informar o que as personagens fazem e o que falam. O texto se compõe de uma sucessão de cenas. É o mais utilizado em jornalismo.

Em “A criatura do ventre nu”, Costallat é apenas o repórter que nos conta os fatos a partir da fala do personagem envolvido na história. O texto lembra muito um conto:

...Flávio Guimarães acordou no dia seguinte às quatro horas da tarde.

Depois de um banho tépido e perfumado, vestiu o seu quimono de seda, fez uma ligeira refeição regada a água mineral, acendeu o seu cachimbo e pôs-se, então, a recordar, sob as fumaradas azuis do “Navy Cut”, a sua estranha noite de véspera.

Tinha ido ao baile dos Artistas. Um baile onde há de tudo, menos artistas. Há muito suplente de polícia, de chapéu na cabeça, bengalão na mão e distintivo na lapela. Muita corista do Teatro S. José. Muito menino bonito; pernas, coxas, peitos depilados, à mostra. (1924, p.181)

Segundo Carlos Peixoto (2002), Italo Calvino desenvolveu seis propostas para que a narrativa literária se tornasse mais interessante ao leitor, mas nada impede que elas sejam aplicadas, com pequenas modificações, ao jornalismo. As propostas são: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade, consistência. Calvino apresentou-as em conferências realizadas nos Estados Unidos, em 1985. A única que ele não teve tempo para desenvolver foi a consistência, pois faleceu antes. Nos textos de *Mistérios do Rio* podemos aplicar duas das propostas de Calvino. A leveza e a visibilidade:

Nos textos, leveza de estilo é necessária à boa narrativa. Escrever uma reportagem, mesmo uma nota de pé de página, é contar uma história e o profissional deve apostar na naturalidade do texto. Leveza, sobretudo, para subtrair da notícia, através da qualidade da narrativa, o peso da realidade como fatalidade contra a qual não adianta adquirir conhecimentos que possam mudá-la..(p.130)

.... A visibilidade é a via da objetividade, mas também da competência na transmissão das imagens mentais que precisam ser construídas pelo leitor para que ele envolva-se com a notícia. Para o jornalista, a visibilidade pode ser entendida como a exigência da capacidade para centrar o foco de visão sobre a realidade, sobre o fato ou personagem gerador da notícia, sem perder a percepção periférica da paisagem, dos coadjuvantes e das circunstâncias. (2002, p.131)

Podemos perceber em trecho de “Os Mistérios do ‘Bacará’” (apresentado a seguir) a utilização tanto da leveza como da visibilidade, mas é importante ressaltar que é utilizado



apenas como exemplo, pois, se formos observar, todas reportagens da obra possuem essas qualidades.

Sobre o pano verde, fisionomias angustiadas debruçavam-se.  
Homens sisudos, calados, mudos, os dedos nervosos, agitando num “tic-tac” inconsciente as fichas de marfim, o olhar febril como querendo hipnotizar o baralho ou sendo hipnotizados por ele...  
Mulheres decotadas, lindas, os lábios muito vermelhos de carmim, as faces pálidas, muito pálidas, sem tinta, com grandes olheiras pretas e sensuais...  
A sala de jogo ardia toda em luz.  
Grande candelabros elétricos, iluminavam, de uma luz de dia, a mesa comprida e verde do “bacará”. (1924, p.229)

Os entrevistados de Costallat constituem um atrativo à parte. Eles chamam a atenção pelo inusitado, pelo pitoresco. Em jornalismo existem alguns tipos de entrevistado um deles, segundo Coimbra, é a personagem plana, um tipo que sempre faz parte do jornalismo e que aparece nas reportagens de Costallat.

Personagem plana é a personagem construída em torno de uma única idéia ou qualidade. Cremilda Medina, em Entrevista – o diálogo possível, mostra como uma visão parcializada faz o repórter enxergar o seu entrevistado por um único ângulo: o da valorização do pitoresco do inusitado, o da ironia pretensamente intelectualizada, o da condenação – freqüente no jornalismo policial – da glamorização. Esta visão unilateral manifestada no momento da captação da informação corresponde, certamente, no da redação dos textos, à composição de personagem plana – uma personagem, segundo Lopes e Reis acentuadamente estática. Depois de caracterizada pela primeira vez, ela sempre reincide nos mesmos gestos e comportamentos, repete tiques verbais, dias as mesmas coisas. Enfim, torna-se pouco densa, previsível. (1993, pp.72-73)

Em praticamente todas as reportagens de Mistérios do Rio Costallat ressalta o pitoresco e inusitado dos personagens. Além disso, suas mulheres normalmente são criaturas bondosas e honestas, que acabam enganadas por malfeitores, ou exploradas por pessoas sem caráter. Em “A favela que eu vi” ele mostra a malícia e a inteligência dos moradores através de dois entrevistados uma moradora que encontra na rua e o dono de um bar que ele visita durante a subida ao morro:

- Aqui não há cinema?

Fizemos esta pergunta a uma negra, ainda moça e faceira, que na porta de seu casebre de zinco procurava alisar a sua carapinha.

-Pra que cinema?

E os olhos brilhando de inteligência e de malícia, a crioula caiu numa grande gargalhada.

- Cinema? Oh! meu santo! Pra que? Mas não é preciso! Temos aqui cinema todo dia, toda hora. Olhe, ainda a semana passada, está vendo aquele barracão vermelho, lá pros lado do Buraco quente, uma crioula pegou fogo nas saias com querosene e se alumiu toda que nem uma fogueira! Tudo isso por causa de um menino bonito, de um gigolô, como vocês chama lá embaixo!... Pra que cinema? Temos cinema todos dos dias. Mulheres nuas, tiros, facadas, paus d'água. Pra que cinema na Favela, se a Favela já é um cinema?... Pra que cinema, meu santo? (1924, p.80)

..... Mas um dia chegou à Favela um homem – Zé da Barra. Vinha da Barra do Piraí. Já trazia grande fama. Suas proezas eram conhecidas. Era um valente, mas um grande coração. E Zé da Barra chegou e dominou a Favela... (1924, p.85)

Acredito, pelo demonstrado até aqui, que podemos considerar Os Mistérios do Rio de Benjamin Costallat reportagens e não crônicas. As características do trabalho o classificam como jornalismo, mas também não se pode negar que o autor se utiliza de elementos da literatura para enriquecer seu texto. Considerando que jornalismo e literatura são atividades que se aproximam, pois ambas sobrevivem da palavra e buscam leitores, é bom que tanto jornalistas como escritores possam utilizar o que há de melhor em cada uma para aperfeiçoar suas escritas. Com certeza, serão os leitores os maiores beneficiados. De acordo com Carlos Magno Araújo (2002, p. 97), “os amantes da palavra, em geral, se satisfazem diante de uma história bem contada, seja ela num livro ou num jornal”.

Outro ponto importante a se destacar e que merece um estudo mais aprofundado é a influência de jornalistas como Costallat na formação do chamado jornalismo sensacionalista que atualmente está presente na programação de televisão e rádio. Hoje credita-se ao rádio a influência e popularização desse tipo de linguagem e abordagem que faz tanto sucesso na televisão. Porém, analisando Os Mistérios, percebemos que este tipo de reportagem pode ser considerada a precursora do que décadas depois viria a fazer sucesso no rádio em programas como o de Afanásio Jazadi e Gil Gomes que, por sua vez, criariam o estilo que já ocupou grande parte da programação de televisão aberta e ainda hoje faz bastante sucesso.

É inegável que o inusitado, o sensacional, o diferente sempre atraíram a atenção do ser humano. Hoje, a televisão é o que mais atrai, mas não se pode negar que na época em que Costallat escreveu Os Mistérios o grande atrativo era o jornal, uma vez que o rádio estava em seus primórdios e tinha uma programação elitizada. Portanto, ousar dizer que entre os jornalistas que influenciaram a formação do gênero sensacionalista no Brasil precisamos sem dúvida incluir Benjamim Costallat que merece ser estudado mais profundamente pela área jornalística.

## REFERÊNCIAS

- AJZENBERG, Bernardo. Dois Senhores pp 53-55 in CASTRO, Gustavo de. GALENO, Alex (org.) *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. Coleção Ensaio Transversais.
- ARAÚJO, Carlos Magno. Amor à palavra, pp 93-97 in CASTRO, Gustavo de. GALENO, Alex (org.) *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. Coleção Ensaio Transversais.
- CASTRO, Gustavo. A palavra compartilhada, pp 71-83 in CASTRO, Gustavo de. GALENO, Alex (org.) *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. Coleção Ensaio Transversais.
- COSTALLAT, Benjamim. *Mystérios do Rio*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat e Miccolis Editores, 1924.
- COIMBRA, Oswaldo. *O texto na reportagem impressa. – um curso sobre sua estrutura*. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- GALENO, Alex. Palavras que tecem e livros que ensinam a dançar, pp 99-108 in CASTRO, Gustavo de. GALENO, Alex (org.) *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. Coleção Ensaio Transversais.
- LIMA, Alceu Amoroso. *O jornalismo como gênero literário*. São Paulo: Edusp, 1990. *Clássicos do Jornalismo Brasileiro*: 4.
- MEDEL, Manuel Angel Vázquez. Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências pp15-28 in CASTRO, Gustavo de. GALENO, Alex (org.) *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. Coleção Ensaio Transversais.
- MENEZES, Rogério. Relações entre a crônica, o romance e o jornalismo, pp 163-171 in CASTRO, Gustavo de. GALENO, Alex (org.) *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. Coleção Ensaio Transversais.
- PEIXOTO, Carlos. Seis proposta para o próximo jornalismo, pp 121-132 in CASTRO, Gustavo de. GALENO, Alex (org.) *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. Coleção Ensaio Transversais.
- SATO, Nanami. Jornalismo, literatura e representação, pp 29-46 in CASTRO, Gustavo de. GALENO, Alex (org.) *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. Coleção Ensaio Transversais.
- PORTOLEMOS, Andréa. Um best-seller esquecido. Artigo publicado na revista *Nossa História*, ano 3 nº 26, dezembro de 2005, pp 8-83. Editora Vera Cruz.  
<http://www.paralelos.org/out03/000626.html> 20/10/06 17h00  
<http://www.revista.agulha.nom.br/ag34livros.htm> 20/10/06 17h14  
<http://www.revista.agulha.nom.br/wilsonmartins092.html> dia 20/10/06 às 17h10